

O Globo, 07 de maio de 2020

Por que o dólar está se aproximando dos R\$ 6? Entenda em cinco pontos

Banco Central já usou US\$ 17,5 bilhões das reservas internacionais, mas cotação da moeda americana não cede

Por: Gabriel Martins

Em pouco mais de quatro meses, o dólar comercial acumula valorização de 42% no ano, passando de R\$ 4 em janeiro para próximo de R\$ 5,80 nesta quinta-feira. O Banco Central (BC) até atuou no câmbio, usando US\$ 17,5 bilhões das reservas internacionais para corrigir distorções na cotação, mas mesmo assim a moeda americana seguiu sua trajetória de alta.

Além da pandemia de Covid-19 e seus impactos nas economias, como os tombos de 6,8% no PIB da China e de 4,8% na economia dos Estados Unidos, o Brasil ainda tem outros agravantes para que o real se desvalorize frente ao dólar, como a crise política e a recente redução dos juros básicos pelo BC.

Confira, em cinco pontos, o que levou o dólar a se aproximar dos R\$ 6 em menos de um semestre, quebrando todos os recordes em relação ao real.

Covid-19 paralisa países

Desde janeiro os mercados globais têm operado com muita volatilidade por conta da disseminação do novo coronavírus a partir da China, segunda maior economia global. A partir de março, com a declaração da pandemia pela Organização Mundial de Saúde (OMS), medidas de isolamento foram adotadas na maior parte dos países para conter a propagação do vírus, o que impactou fortemente as economias ao redor do mundo.

Alguns países do hemisfério Norte já divulgaram o resultado de seus produtos internos brutos (PIBs) referentes ao primeiro trimestre deste ano com a paralisação de boa parte de suas atividades produtivas. Além do

tombo de China (-6,8%) e EUA (-4,8%), a economia da França encolheu 5,8% no primeiro trimestre, deixando o país em recessão técnica.

Na Espanha, a contração foi de 5,2%, a maior desde a Guerra Civil espanhola (1936-1939). E os economistas ainda não sabem se o pior para as economias já passou.

Em meio a este cenário de incertezas, os investidores desfazem posições, ou seja, retiram seus recursos de aplicações mais arriscadas ou de países emergentes, e buscam refúgio em dólar, moeda de troca global que é um ativo considerado como uma forma de proteção para momentos de crise. Com maior demanda pelo dólar, a cotação disparou.

Juro baixo

O Comitê de Política Monetária (Copom) do BC reduziu em 0,75 ponto percentual a taxa básica de juros (Selic) do país. Assim, os juros passaram de 3,75% para 3% ao ano. A relação entre a redução do juro e alta do dólar se dá por conta da falta de atratividade do mercado doméstico para investidores estrangeiros, numa dinâmica conhecida como carry trade.

Geralmente, investidores tomam empréstimos em países com juros baixos ou até negativos para investir em títulos públicos de nações com taxas mais elevadas, na busca por rentabilidade mais alta.

Com a queda dos juros no Brasil, esse tipo de operação fica menos vantajoso. Os investidores preferem deixar o dinheiro em economias mais sólidas, como a americana, do que correrem risco em países emergentes em troca de um baixo retorno. Isso faz com que haja uma fuga de capital do mercado doméstico.

Investidores precisam de dólares para converter seus investimentos em reais e deixar o país e não trazem mais recursos para cá. Assim, com menos dólar entrando e mais saindo, o preço da moeda sobe.

Incerteza política

A dificuldade de articulação do governo no Congresso e atritos entre os Três Poderes provocados principalmente pelo presidente Jair Bolsonaro,

umentam a percepção de risco do país pelos investidores. Reforça o movimento de busca pelo dólar como reserva de segurança. Isso também ajuda o dólar a ganhar força contra o real.

Na semana passada, com o pedido de demissão do ex-juiz Sergio Moro do Ministério da Justiça, a moeda americana já tinha renovado um recorde na cotação.

O mercado vê com apreensão a falta de sintonia entre as esferas políticas em um momento delicado como o atual, uma vez que é necessária a aprovação de uma série de medidas no campo da saúde pública e da economia para mitigar os impactos da pandemia no país.

No capítulo mais recente dessa situação, os ministros Luiz Eduardo Ramos (Secretaria de Governo) e Walter Braga Netto (Casa Civil) se reuniram com o presidente da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia (DEM-RJ), para tentar reduzir os ruídos entre Executivo e Legislativo.

Situação fiscal

Grande preocupação do mercado, a situação fiscal do país segue piorando à medida que a pandemia de Covid-19 se alastra pelo país. Recentemente, o secretário do Tesouro, Mansueto Almeida, indicou que o déficit primário do setor público "caminha tranquilamente" para R\$ 500 bilhões. No ano passado, tinha sido de R\$ 61,9 bilhões.

Isso resulta no aumento do endividamento do país em meio a um cenário de contração econômica, geralmente acompanhado de redução da arrecadação de impostos. Quanto mais dificuldades de caixa tem o governo, maior é o risco do país percebido pelos investidores.

Além dessa preocupação, o mercado avalia com cautela as medidas aprovadas para mitigar os danos do novo coronavírus na economia. O mais recente projeto de socorro a estados e municípios deixou investidores em alerta por conta de sua desidratação fiscal. A economia prevista com o congelamento de salários de servidores foi reduzida em R\$ 87 bilhões. Isso acende um sinal de alerta sobre a saúde das contas públicas do país.

— A economia deve ter uma forte contração, a economia do governo vai cair muito e os gastos serão elevados. O resultado fiscal vai ser sofrível.

Uma agenda que represente menor compromisso com a austeridade fiscal prejudica o país, e isto é refletido no câmbio — explica Luciano Rostagno, estrategista-chefe do banco Mizuho.

Saída da crise

O quinto fator que explica a escalada do dólar frente o real é a perspectiva de retomada da economia brasileira após a crise desencadeada pelo novo coronavírus.

Em um recente estudo, o Grupo de Indústria e Competitividade (GIC) do Instituto de Economia da UFRJ estimou que, no pior cenário, a economia brasileira pode ter um tombo de 11% em 2020. Outras projeções também apontam para uma queda forte, mas não tão acentuada como esta.

Assim, o mercado projeta que o país terá mais dificuldades que outros países para sair da crise e retomar a curva de crescimento. Em meio a esta leitura, os investidores ficam receosos em investir no país.

Além disso, o FMI também prevê uma forte contração da economia global, o que deve afetar o comércio internacional. A economia da zona do euro deve contrair a uma taxa recorde de 7,7% neste ano por causa da pandemia. Neste contexto, também será mais difícil para o Brasil exportar, outra importante fonte de dólares para o país. Sem eles, a tendência é de alta da moeda americana.

Link original: <https://oglobo.globo.com/economia/por-que-dolar-esta-se-aproximando-dos-6-entenda-em-cinco-pontos-1-24414826>